

ÁLVARO DE CAMPOS: ELE-MESMO

Álvaro de Campos – himself

RODRIGUES, J. Bartolomeu¹, RIBEIRO, André², MAGALHÃES, Cristiana³, RODRIGUES, Sofia⁴, & NUNES, António⁵

Resumo

A obra de Álvaro de Campos veio violentar o modernismo, tanto português como europeu; o seu trajeto intelectual e artístico influenciou inúmeros criadores e pensadores, tendo-se cimentado como importantíssimo para o Pensamento português, e para a Alma portuguesa como unidade concreta. No presente trabalho almejamos, não apenas, observar Álvaro de Campos na sua totalidade – o que quer que tal totalidade seja –, construindo ideias e conceitos sobre as suas três fases essenciais, mas também apoderarmo-nos de uma visão sinóptica que a obra encerra, nos três artigos completos, cada um sobre cada fase-fatia da Alma de Campos: uma primeira, de profunda decadência, espiralada centralmente no Opiário; uma segunda, grandiosa e genial, modernista-futurista, na Ode Triunfal; e uma última, crepuscular, de óbvio devir intimista, na Tabacaria. Numa palavra: perseguimos uma cosmovisão, um estilo – todo um respirar próprio e dissemelhante do de Pessoa. Isso significa, ainda, que nos referimos a Campos ele-mesmo, interiormente, e não a Campos quando ruminado na ideia de Pessoa; a nós interessa-nos o Campos-único.

Abstract

Álvaro de Campos's work came to violently shake modernism, either the Portuguese or the European kind; his intellectual and artistic trajectory has influenced countless creators and thinkers, cementing him as wholesomely important to Portuguese Thought, and the Portuguese Soul as a concrete unit. In this work we aim, not just observe Álvaro de Campos in his entirety - whatever such a totality that is -, building ideas and concepts about its three essential phases, but also to seize synoptic vision that the work contains, in the three complete articles, each one on each phase-slice of Alma de Campos: a first of profound decay, centered around the *Opiary*; a second, grand and ingenious, modernist-futurist, in the *Ode Triunfal*; and the last one, twilight, of authentic becoming, at the *Tobacaria*. We pursue a Cosmo vision, a style – a personality similar to itself and dissimilar to Pessoa's. This also means that we refer to Campos himself, inwardly, and not to Campos when ruminated in the idea of Pessoa; We are interested in the Unique-Fields.

Palavras-chave: *Álvaro de Campos; modernismo; história do pensamento português; literatura; filosofia.*

Keywords: *Álvaro de Campos; modernism; history of portuguese thought; literature; philosophy.*

Data de submissão: dezembro de 2021 | **Data de publicação:** julho de 2022.

¹ JOÃO BARTOLOMEU RODRIGUES – UTAD & CECS. PORTUGAL. Email: jbarto@utad.pt

² ANDRÉ RIBEIRO – UTAD. PORTUGAL. Email: gatoderibeiro@gmail.com

³ CRISTIANA MAGALHÃES – UTAD. PORTUGAL. Email: cm0612000@gmail.com

⁴ SOFIA RODRIGUES – UTAD. PORTUGAL. Email: sofia-td@hotmail.com

⁵ ANTÓNIO NUNES – Instituto Superior de Saude. PORTUGAL. Email: ajsunesr@gmail.com

NOTA INTRODUTÓRIA: qualquer que seja o seu corpo e foco

No presente trabalho, atualizado em forma de artigo-ensaio, almejamos iniciar o destrinçar um tanto ou quanto detalhado de Álvaro de Campos, estudando-lhe os conceitos e fulgores intelectuais (ergo, psíquicos) que lhe formam, em conjunto, o ideário; o nosso intuito está longe de ser o de esgotar as possibilidades críticas de um vulto como Álvaro de Campos, surgido da sombra estética maior que é Fernando Pessoa, e compreendemos, aliás, por nossa veia heurística fluindo o devir intelectual e crítico, tão múltiplo como paradoxal, concernente à poderosa obra de movimento que é a de Campos⁶. Entregamo-nos ao *opus* que nos surge do desassossego sentido face ao movimento e à força com um orgulho assazmente sublime: escolhemos Campos pois ele nos estranha; e o estranhamento, como sabemos, é uma forma de atração e de repulsão.

Cabe-nos igualmente referir que não nos indicaremos a Campos por menos do que ele na verdade, física por imaginadamente, é; ou seja, em termos paralelos, trabalhamos Álvaro de Campos não como um produto pessoano, pois achamos que fazê-lo seria tirar ao sensacionista a Alma que ele deveras tem, mas como um autor dotado das suas qualidades de ser individual: uma cosmovisão, um estilo – todo um respirar próprio e dissemelhante do de Pessoa. Isso significa, ainda, que nos referimos a Campos ele mesmo, interiormente, e não a Campos quando ruminado na ideia de Pessoa; a nós interessa-nos o Campos-único, que calha também ser o reflexo espelhado de qualquer alma penada que se digne a escrever – ergo, a entidade que se encontra representada somente no texto⁷.

É nosso intuito, com este trabalho, não apenas observar Álvaro de Campos na sua totalidade – o que quer que tal totalidade seja –, construindo ideias e conceitos sobre as suas três fases essenciais, mas também erguer de um só molho, meio que ao trouxe-mouxe de criatividade, três artigos completos, cada um sobre cada fase-fatia da Alma de Campos: uma primeira, de profunda decadência, espiralada centralmente no *Opiário*; uma segunda, grandiosa e genial, modernista-futurista, na *Ode Triunfal*; e uma última, crepuscular, de óbvio devir intimista, na *Tabacaria*. É importante compreender em Campos não uma

⁶ Compreendemos também, aliás, que tal possibilidade de saturamento significacional é idiota e simplista, por duas razões principalmente: (1) devido à fluidez que a Palavra entrega à literatura, que é a sua fluidez de corpo e alma, tanto como gota ou como lago; (2) mais devido ainda à imaginação hodierna, que se encontra, por necessidades externas e internas, sempre em busca da originalidade (numa procura que é meio progresso, meio saturação).

⁷ Este tema merece, para bem se explanar, um maior desenvolvimento; entretanto, tudo o que pudemos foi o que utilizámos, podendo o leitor denotar, se a esse ponto sensível for, o que na antemã desse argumento pela ‘outragem’ se representa.

alma apenas, mas muitas reunidas numa só; ou, vá, se quisermos, uma alma capaz de gerar mil e uma sensações, de mil e um espectros diferentes, de mil e uma outras almas diferentes (sem ser capaz, como Pessoa, de as efetivar concretamente, mantendo-as como ideias de movimentos e opiniões abstratas, sensações loucas que tanto o prendem como infinitamente o engenam): Campos é um desencontrado incapaz de se encontrar, que tampouco é capaz de finar a sua busca existencial – e que dessa busca retira, efetivamente, o grande fôlego criativo da sua vasta obra.

TIRADA INICIAL, SUPERFICIAL E MAIORITARIAMENTE ADJETIVADA, SOBRE CAMPOS E OS SEUS ESPELHOS DE MULTIPLICIDADE

Estudar Campos, entretanto, não é, diríamos nós, trabalho fácil, pois que Campos, ao contrário de grande parte dos autores que antes dele vieram, dos que com ele chegaram, e dos que depois dele partiram, não se conformou nunca aos preceitos da realidade – fossem os do mundo ou os dele mesmo –, e sempre partiu do mais abismal de si mesmo para os confins do mundo. Estudar Campos é, portanto, estudar a alma criativa moderna em força de supernova – consciente, todavia, do seu poderio futuro, da sua potencialidade máxima, e profundamente amedrontado (ou desassossegado) com o geral estado das coisas no universo. Vejamos: Campos, sendo como é a fúria canalizada de uma alma desassossegada, metafísico pela obrigação da intelectualidade, é incapaz de fugir em literatura à condição-base da sua vida interior: moribundo-próprio, de alma perdida, um ser derrotado na inação, incapaz de viver pelo Agir, abraçado à monotonia raivosa do Absurdo existencial e dos versos em prosa levada – um barco a vapor rugindo face ao Nada do vasto oceano, uma máquina a trabalhar enlouquecida, desejando o Movimento tanto quanto a Inércia. Campos está perdido: em si mesmo, nos outros, no mundo⁸; o seu desejo de comer o bolo da existência e não ficar empanturrado é tão esfomeado, que ele não consegue ficar senão doente, cheio da Vida e de tudo o que a rodeia (começou desse modo, gritando para com os que se encontravam dentro da vida, e terminou do mesmo modo, cansado do que quis fazer, mas que ao invés apenas sonhou e não fez efetivamente)⁹.

⁸ Explicando: Álvaro de Campos está perdido no que nos outros há dele e do mundo, no que em si há dos outros e do mundo, e no que no mundo há de si e dos outros. A grandeza e interpenetração da existência aterram-no.

⁹ “Raios partam a vida e quem lá ande!” (Campos, 2014, p. 36).

Álvaro de Campos é o espelho do homem moderno – o homem intelectual, o homem neurótico, o homem pensador, o homem inerte; nele está representada com a maior vivacidade e verdadeiro fulgor a luta do Ser pela dualidade da existência: o corpo e a mente; Álvaro de Campos, todavia, não tem o corpo que suporte a mente – e a sua vontade consciente de Movimento é a luta psicológica pelo corpo que não tem, pelas ações que não é capaz de tomar¹⁰.

O Campos-modernista, que é o Campos em auge, leva em bandeira o comum do artista modernista, em especial do português: traçando na arte a linha comum da intelectualidade, estes portugueses vanguardistas procuravam “(...) o original, o dinâmico, multiplicava[m] e percebia[m] multiplicados os sentidos do mundo – buscava[m] o poderio construtivo da máquina-futura que operava no presente (...)” (Ribeiro & Rodrigues, 2020, p. 42). É em Campos que encontramos o começo e o fim do idealismo modernista – isto pois ele caminha, pela sua vasta obra poética e prosaica, o espectro existencial do moderno a vivas cores: primeiro, por mão do passado; segundo, por mão de Caeiro; e terceiro, por mão dele mesmo. Campos é “(...) a síntese de uma evolução poética e ficcional.” (Pizarro & Cardillo, 2014, p. 15); o facto de lhe termos, hodiernamente, em crítica cortado a literatura, e, portanto, a alma em três fases, é prova do seu existir como sumário fiel do modernismo português. Neste ponto encontramos a razão principal para a inclusão de Álvaro de Campos no panteão de pensadores portugueses que escreveram a história intelectual do nosso país; colocamo-lo mesmo ao lado do seu falso-irmão Fernando Pessoa, que de igual modo tem lugar no dito cujo, pois os poemas de ambos, “(...) sem os quais a moderna poesia portuguesa seria impensável (...)” (Pizarro & Cardillo, 2014, p. 11), marcaram a tinta indelével o arcabouço estético e intelectual das Humanidades portuguesas: se Fernando Pessoa foi o ideal vivo do artista modernista, então Álvaro de Campos foi o homem¹¹.

A originalidade de Álvaro de Campos, digamos em sentido lato, é em duas faces uma degenerescência evolutiva para com os seus dois mestres: Alberto Caeiro e Walt Whitman. Partindo destes, Campos evolui uma teoria estética particularmente sua, focada tanto na contemplação do devir como no Movimento, tanto na loucura e no torpor

¹⁰ Apenas sendo inerte como é, frágil como é, é que Campos consegue germinar em si a criatividade, a profundidade interior para em raiva ser o poeta da máquina – ou seja, do objeto que se move incessantemente, sem escolha de parar –, do Movimento, e enfim do cansaço metafísico-empírico, do expirar completo e derrotado.

¹¹ Ou seja: “(...) um vadio, um marginal, um *outsider* (...), que se nega a ser como os outros (...)” (Pizarro & Cardillo, 2014, p. 14). Esta negação da mediocridade, por assim dizer, e a busca pela originalidade – pela diferença – marcam o homem afetado pelo modernismo, que não pode, por um infindo número de razões, ser como deve ou acha dever ser. Se do modernismo nascesse um mito, Álvaro de Campos seria o seu arquétipo.

existencial como na inércia e na abulia nervosa; para além disto, o seu númen é a multitude de sensações e ideias possíveis: Campos “(...) não é simplesmente isto ou aquilo (...)” (Pizarro & Cardiello, 2014, p. 14), é um Todo global, multifacetado, lançado ao mundo dos fenómenos não como um homem, simplesmente datado a ser como é, mas como um fenómeno de fenómenos¹². O mundo que o rodeia está em crise – uma crise de Alma, se quisermos –, e esta influencia-o grandemente em toda a sua vida literária; Campos nunca se encontra verdadeiramente, finalmente, pois nunca cessa de se procurar: a Vida é-lhe um eterno desencontro, uma eterna busca¹³. Isto não acontece apenas com ele; Campos não é original no sentir, mas sim no intelectualizar desse sentir – no tornar artística a sensação retirada do cansaço, da vontade, do devir, enfim, da vida em procissão¹⁴.

Voltemos atrás, entretanto, e observemos uma vez mais a relação de Álvaro de Campos com os seus dois mestres: Alberto Caeiro e Walt Whitman: de um lado, a natureza estética e artística do contemplar português, instintivo, rural – ergo, primitivo e inocente; do outro lado, o velho sábio americano, representante do sentimento-pelo-mundo, da poesia livre, bela, extensa. Sem estes dois poetas não haveria Álvaro de Campos; é a partir dos ideários artísticos propostos por ambos que Campos é capaz de fugir do decadentismo simbolista demonstrado, por exemplo, em *Opiário*, nesses versos apequenados e mexerucos, ou do cansaço existencial – que é também necessidade de mudança – de versos como “Tão pouco heráldica a vida!” e “Levai-me para longe de eu saber o que vivo e que sinto (...)” (Campos, 2014, 33). Esta relação de influência faz-se sentir um pouco por toda a obra de Campos, seja pela composição mais extensa – whitmaniana por excelência – da *Ode Triunfal* ou da *Ode Marítima*, por exemplo, ou pela referência direta ao vulto poético na composição inacabada *Saudação a Walt Whitman*; para com Caeiro, por outro lado, Campos tem de herança uma filosofia do Sentir que ele, de certo modo, tanto evoluiu como degenerou¹⁵.

¹² Em Campos há, talvez, não um fenómeno completo, mas o fenómeno em latência sempre; por isto ele não pode querer ser nada – falta-lhe a vontade, secundariamente, e a capacidade, primariamente, de não escolher um algo a que se apegar; isto acontece por duas razões, um tanto ou quanto óbvias: por ser gente, e por ser Campos.

¹³ Não defendemos a ideia de que Álvaro de Campos desejava, de alguma maneira, consciente ou inconscientemente, manter a sua busca existencial pela Eternidade fora, ignorando a possibilidade de uma resposta; temos Campos como consciente desses portos, mas incapaz de atracar neles senão que por momentos.

¹⁴ Ao seu lado, acompanhantes ou não dos seus modos, caminham os modernistas – conscientes do mundo, necessitados da arte.

¹⁵ Campos é Caeiro se Caeiro não soubesse como ser ele-mesmo; é Caeiro espelhado, visto a fraca luz.

Quanto aos detalhes empíricos concernentes a Campos – sempre algo subtis, algo desnecessários, algo significativos, algo esquecidos –, é a Fernando Pessoa que recorreremos como biógrafo; ora diz-nos ele: “Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (...)” (Pessoa, 1986, p. B6); “(...) é alto (...) entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apertado, monóculo.” (Pessoa, 1986, p. 6); e, por fim,

Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval¹⁶. Numas férias faz a viagem ao Oriente de onde resultou o *Opiário*. Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre (Pessoa, 1986, p. 6).

Colocamos estas referências aqui pois achamos que elas servem um propósito claro, ainda que fortemente empírico, de retratar o Campos no mundo físico – o mundo de onde ele mais quis escapar, e ao qual mais, por amor ao paradoxo, se quis juntar; admitimos que se possam retirar das citações por nós apresentadas, todas presentes na carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro¹⁷, significações mais profundas e simbólicas do que o mero empírico nos deixa; se assim se fizer, terá sido pela vontade de Fernando Pessoa, que assim se dignou a ser, pela mão de Campos, o seu biógrafo e a sua literatura. Temos ideia, entretanto, de que em Campos tudo é mais do que parece – tudo é em latência um universo subterrâneo, até a vida que se viveu não vivendo!

Observando Álvaro de Campos, é-nos custoso não notar nele a superior referência da literatura modernista¹⁸; ainda que não gostasse de ser encaixado em escolas literárias (pois que ele vivia já a idiosincrasia do mundo artístico contemporâneo), Campos “(...) é o que os futuristas quiseram ser, e mais alguma cousa (...)” (Pessoa, 2014, p. 12), é o auge do sensacionismo metafísico e real, não ideal como o que nos sugere Caetano¹⁹. Campos é, sejamos justos, um vencido da vida – só não se preocupa com ela de um modo tão empírico, como faziam Eça e os da Geração de 70 (seus percursores intelectuais, por mais ou menos afastados); o que Campos recebe da vida, e o que dá, é o mesmo que um

¹⁶ Referência indireta, assumimos, que Fernando Pessoa faz à *Ode Triunfal*, por via da engenharia mecânica, e à *Ode Marítima*, por via da engenharia naval.

¹⁷ Datada de 1935.

¹⁸ Não nos enganamos, aliás e reiteramos: Campos é o sumo-modernista; Fernando Pessoa, como artista superior, está muito acima do modernismo e ultrapassou-o completamente.

¹⁹ Nas palavras de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardillo, que se baseiam nos escritos do homem-espelho: “Campos defenderá este plano de vida: ‘Sentir tudo de todas as maneiras, amar tudo de todas as formas, tocar e ver cousas e não lhes pegar, passar por elas e não olhar para trás – parece-me o único destino digno de um poeta’” (Pizarro e Cardillo 2014: 20). Nestas palavras encontramos sobejada a filosofia que gera a estética e a psicologia dos poemas de Álvaro de Campos.

espelho: reflexão. O seu dedo contemplativo procura a Vida incessantemente, sem com satisfação a encontrar; por isto redige poemas violentamente, como um trator que vai sentindo a existência aos apalhões pelo campo cultivado do Devir, como um arauto da fúria criativa liberta, do homem intelectual e artístico levado ao seu mais nervoso extremo, “(...) always repeating himself, refusing to settle, refusing to be tamed and to be pinned down, and always revealing the crisis of human communication (...)” (Ryan, 2018, p. 261).

Álvaro de Campos, aliás, é tanto um ser de verdades significativas como de falsidades literárias; ele sente em canto – ou, nas palavras de Pessoa, “Álvaro de Campos é o personagem de uma peça; o que falta é a peça” (Pessoa, 2014, p. 12)²⁰.

A alma de Campos, entretanto, é uma alma grande; e por esta mesma razão se vê o poeta tantas vezes tomado por um enraivecido “(...) desejo de universalidade (...)” (Reis, 2006, p.B170), uma libido primitiva, bastantemente psíquica, de fuga à religião do Númen – da totalidade. Este desejo, contudo, por tão violento e animalesco – tão puro –, acaba por chocar de frente com o estado de coisas do mundo em redor de Campos, causando-lhe uma queda contínua que resulta “(...) numa abulia e numa apatia de cariz intimista e romântico, fruto não só do cansaço da civilização e do mundo, mas também da ordem das coisas, internas e externas” (Vieira, s.d., p. 2)

Álvaro de Campos é, *in grosso modo*, a sensação conjunta de uma alma coletiva em ebulição; nele está presente a extremização do sentir pela necessidade do novo – da nova moral, da nova estética, da nova arte, da nova Vida. Que Campos não se entenda conscientemente, isso até aceitamos; não vemos como, porém, ele não seja inconscientemente assimilado.

O PRÉ-MODERNISTA DECADENTISTA, EM *OPIÁRIO*

Movamo-nos, portanto, em direção à sua primeira fase – a mais perfeitamente ingénua, mais poderosamente natural; nesta fase, Campos é um devir decadente do simbolismo do século XIX – ou seja, está cansado com a vida e desesperado com o Signo

²⁰ Lemos a citação pessoana da seguinte forma: Campos, um extremista da sensação, vive cantando aos sete ventos os abismos da alma; escreve com uma ação quasi épica, quasi lírica, quasi dramática, onde tudo o que por ele é contemplado sofre uma transformação – uma falsificação –, de modo a ser depois representada por via de um poema-peça. Quando fala, Campos está no palco da existência, e não tem como não atuar; atua, entretanto, sentindo – com a mente mais do que com o olhar.

(expressão onde ele busca, ainda que faltosamente, abrigo e proteção). Filho imodesto do século que o precedeu, o artista-poeta nota-se envolto num mundo de signos fraquejantes, de sensações que não surgem propriamente, de antemanhãs de glória perdida... Aquele vulto que veio a ser “(...) uma das personalidades mais ativas no processo de mudança estético-literária que se deu em Portugal no início do séc. XX.” (Vieira, s.d., p. B1), surgiu no mundo da literatura como um cansado – um ser ofuscado e espiral, desejoso, sim, de algo sublime, mas incapaz de dias que não fossem “(...) só de febre na cabeça (...)” (Campos, 2014, p. 36); para além disto, o Campos decadentista é um ser, ainda assim, consciente, ciente, como também ele refere, “(...) de ter em casa a faca/Com que foi degolado o Precursor” (Campos, 2014, p. 37) – em casa, note-se, e não no local onde ele vive, no local onde ele está²¹. Será interessante de notar a fadiga mental e criativa em que o sujeito poético existe, perdido de si mesmo, desencontrado num oceano tão vasto e, ainda assim, com uma aparência tão infinitamente pequena que a alma não tem espaço ou força para exercer qualquer movimentação de fuga à água que a engole; o Campos decadente é o Campos que se percebe cansado com os momentos prévios ao seu derradeiro começo – é o Campos que mais decididamente em si engloba uma necessidade, tanto consciente como inconscientemente representada, de mudança ontológica. Esta necessidade, seja em Campos ou na psique coletiva, representa-se por via do sonho; em Campos, o sonho está latente no poema – em cada verso, em cada signo –, e, por esse mesmo motivo, observaremos o fluir, desde a nascente à foz, do *Opiário*, travessia em barco por um rio de uma fraquejante mas hirsuta imaginação, povoado de possíveis serpentes que apenas sussurram guizos do seu aparecimento.

Diz o poeta, e bem, no primeiro verso: “É antes do ópio que a minh’alma é doente.” (Campos, 2014, p. 36). Ou seja, não é figurada em retrospeção a sua doença, mas premente; faz-lhe parte da psique, naturalmente, muito antes do seu organismo entrar em contacto com a doçura psicadélica e eufórica que a droga pode oferecer – ou seja, ainda, e em consciência do movimento literário e artístico que o circunda, Álvaro de Campos sugere desde logo estar nas suas maleitas muito antes dos simbolistas – os ditos fumadores do ópio –, não olvidando, por ligação sintática, a relação que entre eles existe. Este poema é, entretanto, em partes simbolista, em partes decadentista: é um simbolismo descrente,

²¹ O decadentismo simbolista de Álvaro de Campos é classificado pelo mesmo, a partir destas palavras, como um estado de transição somente – uma viagem, figuradamente imaginada como sendo às Índias, que serve de precursor ao regressar a casa, ou seja, à Europa da intelectualidade, para o verdadeiro tiro de partida do modernismo concreto.

por assim dizer, farto de si mesmo pela obrigação de se ser, sedento de se transformar por via de um vulto numinoso, entrevisto aqui apenas por entre a folhagem da floresta oriental²².

É igualmente nos primeiros versos do poema que Campos nos dá para as mãos um muito importante mecanismo da sua alma literária: “(...) fui sempre um mau estudante (...)” (Campos, 2014, p. 37); é preciso que compreendamos esta sentença como razão da deturpação que Campos mais tarde faz da teoria estética sugerida por Caeiro – não tanto, porventura, deliberada, mas naturalmente imposta sobre o seu ser, pois que lhe é qualidade da psique e movimento preponderante da máquina que escreve. Ainda assim, estes laivos de má aprendizagem são aqui tirados como elação apenas *a posteriori*, e Campos, que só em essência se prepara para a sua evolução intelectual, continua perdido no leito do rio oriental – rio esse onde “[a] vida a bordo é uma coisa triste/Embora a gente se divirta às vezes.” (Campos, 2014, p. 38), onde a alma se constringe no mundo fora de si mesma, já que o seu interior lhe causa não mais que fastio e náusea. Por isto, o Campos tripulante é “(...) um convalescente do Momento (...)” (Idem), dado às pequenas coisas, contudo delas desinteressado (em profundidade, ao menos), e que repete, seja por imagens cansadas ou abismos existenciais – “Não tenho personalidade alguma.” (Campos, 2014, p. 39)²³.

Tudo no *Opiário* é uma preparação para a chegada de Caeiro e a subsequente largada evolutiva de Álvaro de Campos, que se vira, em força e grande êxtase, para o Movimento²⁴.

O MODERNISTA FUTURISTA, EM *ODE TRIUNFAL*

Tendo nós feito o contemplar introdutório do Campos decadentista – ou seja, de Álvaro de Campos no seu estado primitivo –, é chegada a altura de observarmos à lupa aquela que é não apenas a fase madura da literatura de Campos, mas igualmente a fase

²² Acentuamos particularmente a espécie de cansaço que Álvaro de Campos aqui sente, vestido na pele de sujeito poético; este cansaço é paradoxal: fá-lo dançar na mortuária de si mesmo, pregando-o ao chão de se contemplar. Exemplificando isto temos a seguinte quadra: “Perdi os dias que já aproveitara. /Trabalhei para ter só o cansaço/Que é hoje em mim uma espécie de braço/Que ao meu pescoço me sufoca e me ampara” (Campos, 2014, p. 37).

²³ Não obstante o facto de o dizer, Campos, pela sua raiva última – “E basta de comédias na minh’alma!” (Campos, 2014, p. 39) –, vem refutar a noção de que não tem personalidade, demonstrando, em oposição, um ser enclausurado.

²⁴ Numa tentativa de escapar ao Momento que, tanto no seu começo como no seu término, o enclausura.

augusta; o corpo poético do Campos triunfal é de tal modo importante, de tal modo irreverente, que mudou a face da poesia portuguesa para sempre – não seria sensato cogitar os autores portugueses contemporâneos sem a influência, direta ou indiretamente sentida, dos poemas de Álvaro de Campos²⁵. A fase áurea de Campos é também, entretanto, a mais curiosa e original; é nela e por ela que se forma, das cinzas de onde jazia, a personalidade de *força* do poeta – a sua vontade pelo Movimento, pela Velocidade, pela Máquina, pelo Tudo. Falar ou estudar Álvaro de Campos é visar o modernismo português – o vanguardista –, compreendendo nele uma latente face rebelde, violenta, posta a vencer não a vida, mas o que está para além dela.

A *Ode Triunfal*, portanto, pode e deve ser vista como um manifesto múltiplo da diversidade imaginativa do *movimento* modernista português – movimento paralelo, entretanto, na alma de Álvaro de Campos, que estava por esta altura influenciado pela estética de Caeiro, inspirado a expressar toda a sua psique numa máquina incessante de sensações violentas.

A caminhada triunfal de Campos, ao contrário da poesia de Caeiro, não podia ser reflexo de uma união amigável com a Natureza – e a sensação humana em toque com ela; é, ao invés, uma amálgama de expressões de raiva, de vontade, de loucura – tão preta de sentidos, signos e sensações, que se nos torna, admitimos, bastante estúpido pretender comunicar por via de um texto crítico o Olimpo alcançado pela lama da *Ode Triunfal*²⁶. *Tour de force* da imaginação, este épico whitmaniano dá face ao ideário de Álvaro de Campos; perdidos no torpor do “[t]enho febre e escrevo.” (Campos, 2014, p. 49) estão os alicerces da beleza moderna, áurea, idiossincrática, que Campos desvendou em si não por via única de Caeiro, mas de Walt Whitman e de si mesmo²⁷ – da beleza, como ele diz, “(...) totalmente desconhecida dos antigos” (Campos, 2014, p. 49). E que beleza é esta? Ora, isso dizemo-lo muito simplesmente: é a beleza do Tudo e do Nada²⁸. O yin-yang completo que Campos vive na paisagem estática das suas sensações não é de todo um movimento intelectual de descrença; não obstante a intelectualidade rígida e, por vezes,

²⁵ Esta opinião é partilhada por críticos em grande número; damos o exemplo de Alejandro Palma Castro, que escreve, em relação ao Campos-modernista: “(...) representa en sí la profundidad del nuevo espíritu poético de Portugal moderno” (Castro, 2015, p. 218).

²⁶ Que se leia e sinta essa obra-prima da literatura mundial!

²⁷ Pois que não são nem Caeiro nem Whitman os interlocutores literários da *Ode Triunfal*; é, pura e simplesmente, o Álvaro de Campos ele-mesmo, descoberto interior e psiquicamente pela primeira vez, sedento de penetrar no útero do mundo.

²⁸ Não da negação ou afirmação eterna do universo, mas da raivosa e consciente necessidade de viver a Vida ao lado do mundo – não afastado dele, como uma criança, *à la* Caeiro, mas como um homem culto e capaz de sentir o moderno (o da *máquina*).

quasi filosófica, Álvaro de Campos é decididamente um homem religioso: confiamos esta tese basilar ao seu rumo ontológico na direção do Sentir, do viver tudo de todas as maneiras – do bicho encarcerado no circo das suas sensações (tendo delas prazer!)²⁹.

Poucos poemas, no cânone literário mundial, demonstrarão a criatividade e a imaginação num nível tão auspicioso de liberdade; a *Ode Triunfal*, aliás, é um grito gutural, nascido de uma necessidade profunda, desejoso de ser não um corpo com uma alma, mas uma alma com um mundo.

O QUASI PÓS-MODERNISTA, INEVITAVELMENTE INTIMISTA, EM TABACARIA

Cansado, perdido, invisível ao mundo, Campos retorna do seu auge de Movimento – auge esse onde “(...) a sua propriedade é a da sensação (...)” (Monteiro, 2011, p.32), onde todo o seu eixo é o Sentir –, e esconde-se; porventura amedrontado ou enfadado com o Leviatã da Existência, o poeta das odes *Triunfal* e *Marítima* de outrora cambia psiquicamente, despreocupa-se, torna-se, paradoxalmente, menos religioso para com a intelectualidade do mundo e mais religioso para consigo mesmo.

Não é nesta fase de Campos que o vemos descrente – isto, em sentido lato; perdida, sim, a crença no Signo, Álvaro de Campos reverte a um estado de alma de profunda decadência – ao invés, porém, de como no seu início buscar o sentido nas incongruências do Mundo, busca-as na incongruência de Si (e por isto ele se torna num poeta de saudade, de fugas à infância, de choros desesperados). Olvidado o seu desejo pelos extremos que buscou, Campos é votado à mediocridade, por assim dizer, de sonhar com o que foi (seja fisicamente, no corpo e psique da criança de outrora, ou intelectualmente, no homem de ideais de Movimento e *força*)³⁰; ainda assim, não é capaz de ver em si um mero ser do lado de fora do Signo: é a turgência de sentido e o desprezo do mesmo, mediante o olhar de quem observa.

²⁹ O Campos-triunfo é, aliás, um animal deveras interessante; quasi louco, quasi genial, caminha deambulante a margem que separa o rio whitmaniano do bosque de Caeiro, dando pontapés nas pedras, pegando nelas e atirando-as ao rio, vendo o subir do monte em direção ao cume e desejando, não estupidamente, que um Eu semelhante a si tivesse a *força* de escalar esse monte, mantendo-se por igual na base, à beira-rio, ouvindo o correr da água. Por não ser capaz deste duplo e paradoxal movimento, Álvaro de Campos desata a correr; o seu olhar deseja ver tudo, o seu corpo tudo quer tocar.

³⁰ O que Campos foi, é, também, aquilo que ele é – não empiricamente, se quisermos, mas em Sonho, em possibilidade; a existência humana é vaga e múltipla ao ponto de conseguirmos ver, até que com facilidade, no mais minúsculo e aparentemente pequeno grão de areia um oceano a formar-se. Esta foi a verdadeira descoberta do intimismo de Campos, paralela a outros autores modernistas: no mundano e pessoal, encontrar o Significado plural...

Por mais que Álvaro de Campos procure afastar-se do seu centro, fugir do que lhe terminou em cansaço, ainda assim não é capaz de desterrar de si a necessidade ontológica de ser algo – algo para além do empírico e do apenas visto, algo sonhado em vastas imaginações de oceanos vencidos. Daqui, a alma de Campos, mais do que nunca, está cisada: de um lado, o motor mecânico do engenheiro criativo que busca conquistar o mundo pelo Sentido; do outro, um, homem perdido, inerte, incapaz de se mudar ou de ver outro assunto que não ele mesmo – sonhando a beleza melancólica de uma infância romântica, por mais casual que na verdade tenha sido.

O Campos da *Tabacaria*, entretanto, é um Campos exemplo disto; representam-no perfeitamente os seguintes versos: “Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade./Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer, (...)” (Campos, 2014, p. 212); aqui, o sujeito poético admite derrota na Vida – em todos os seus campos –, e apercebe-se do estado conclusivo em que se encontra: preparado, acha, para expirar completamente. Este poema é, aliás, um estandarte da fase intimista de Campos – negrume em forma de poema existencial, em estilo de confissão, de uma alma robusta cansada pelo fogo da criação, pelo intento de Ícaro dos seus desejos... Mais do que em qualquer outro poema, é na *Tabacaria* que Campos se olha ao espelho depois de uma longa caminhada que, a seu ver, deu em tudo e não deu em nada – e se contempla, velho e incapaz de continuar, sentado no banco de um quarto que lhe dizem ser seu, vendo pela janela a rua que passa, o fumo que se evapora...

UMA CONCLUSÃO, EM ARES DE SÚMULA

Álvaro de Campos é um vulto intelectual e criativo inegável, assente como cicatriz modernista na pele do contemporâneo pensamento português; ele, irmão de Pessoa, aquele “(...) [who] cannot remain silent (...)” (Ryan, 2018, p.260), que sente profundamente a necessidade de se expressar por meio da criação – de ser levado no canto da sua alma para lá de si mesmo. O Ser português terá sempre em Campos o Ícaro-caído dos seus ideais modernos – a flecha apontada ao Númen do mundo, quebrantada pelos falhanços e abismos da psique, ainda assim engrandecida pelo futuro auspicioso que melhor a compreendeu.

A obra de Álvaro de Campos ressoa no interior de quem a lê pois ela é, para o leigo, uma novidade-faca que não teme a carne nem o sangue: é uma violência de ser, que busca o tudo da existência, procura-o em sucessivas e sangrentas batalhas de Sentidos e Símbolos ao monte... Apenas com sorte (e tempo) teremos um criador tão visceralmente natural como Álvaro de Campos – alguém que a tal ponto influencie, com um tão comprido espectro braçal, a história do pensamento português (e até, digamos, mundial).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Antunes, M. (2010). *Álvaro de Campos e Walt Whitman - Reavaliação de Uma Herança Poética*. (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Baltrusch, B. (2009). Das Lyrische Werk des Álvaro de Campos. In Heinz Ludwig Arnold (org.), *Kindlers Literaturlexikon* (pp.720-721). Stuttgart/Weimar: Metzler

Campos, Á. (2014). Ode Triunfal. *Obra Completa de Álvaro de Campos*. Lisboa: Tinta da China.

Campos, Á. (2014). Opiário. *Obra Completa de Álvaro de Campos*. Lisboa: Tinta da China.

Campos, Á. (2014). Tabacaria. *Obra Completa de Álvaro de Campos*. Lisboa: Tinta da China.

Castro, A. P. (2015). Álvaro de Campos como estratégia moderna. *La Poesía al margen del canon* (pp. 215-226). México: Universidad Autónoma de Puebla.

Coelho, J. F. (1989). Sobre o Tédio no Opiário. *Colóquio/Letras* 107.

Costa, S. (2015). O Absurdo em Álvaro de Campos, em “Passagem das Horas”. *Apeiron*, 6, 77-94.

Fernandes, L. (2020). *A complexidade do heterónimo Álvaro de Campos*. (Trabalho de licenciatura não publicado). Lisboa: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Nova de Lisboa.

Linhares, F. (2017). O Relacionamento entre Álvaro de Campos e Alberto Caeiro. *Revista de Letras*, 1(9-10), 13-18.

Monteiro, G. (2000). Fernando Pessoa and Álvaro de Campos. *Harvard Review*, 19, 4-5.

- Monteiro, L. (2011). Álvaro de Campos - Encenador e Ator de Si Próprio. *Modernista - Revista de Estudos sobre o Modernismo*, 32-35.
- Pessoa, F. (2014). *Obra Completa de Álvaro de Campos*. Lisboa: Tinta da China.
- Pessoa, F. (1986). *Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas* (Introdução, Organização e Notas de António Quadros). Lisboa: Publicações Europa-América.
- Pizarro, J. (2015). Fernando Álvaro Pessoa de Campos. *1915 - O ano de Orpheu*. Dix Steffen (Org.). Lisboa: Tinta da China.
- Pizarro, J. (2017). Álvaro de Campos Revisited. *Revista de Estudos Regianos*, 22-23, 67-90.
- Pizarro, J., & Cardiello, A. (2014). Apresentação. *Obra Completa de Álvaro de Campos*. Lisboa: Tinta da China.
- Reis, C. (2006). *Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, A., & Rodrigues, J. B. (2020). As direções do Modernismo Português - Orpheu, Presença, e as tendências na arte e no pensamento. *European Review of Artistic Studies*, 11(2), 40-51.
- Ryan, B. (2018). 'I'm beginning to know myself. I don't exist.' The Interval of Álvaro de Campos. António Marques e João Sáàgua (Eds.), *Essays on Values and Practical Rationality - Ethical and Aesthetical Dimensions*. Berna: Peter Lang
- Simões, M. (2009). Os mitos futuristas e a “Ode Triunfal” de Álvaro de Campos. *Estudos Italianos em Portugal*, 4, 89-98.
- Vieira, J. (2018). *A Escrita do Outro. Mentiras de Realidade e Verdades de Papel*. Dissertação de Doutoramento. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Vieira, J. (s/d). *Álvaro de Campos e a Modernidade Líquida*. (Dissertação não publicada). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Vieira, J. (s/d). *Resíduos românticos na poesia de Álvaro de Campos*. Trabalho de licenciatura não publicado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Zenith, R. (2019). Posfácio - A Verdadeira História da Humanidade. *Fernando Pessoa, Tabacaria*. Lisboa: Clube do Autor.